

ALTA DIGNIDADE

MIN. EDGAR CAVALCÂNTI DE ARRUDA
Catedrático aposentado da 2ª Cadeira de Direito Jud. Civil

Exmo. Sr. Governador do Estado

Exmo. Sr. Ministro da Educação e Cultura

Exmo. Sr. Magnífico Reitor da Universidade do Ceará

Exmas. Autoridades Civis e Militares

Exmos. Srs. Membros da Congregação da Faculdade de
Direito do Ceará

Minhas senhoras e meus senhores:

Profundamente sinto seja tão breve este meu contato com o Ceará e com os meus irmãos cearenses.

Tangido por circunstâncias várias, também sou daqueles que se alongaram da terra mãe, no mesmo êxodo que nos persegue há séculos.

Agora, porém, brevemente embora, vejo-me restituído ao convívio reconfortante de meus conterrâneos e ao seio acolhedor e honroso desta Universidade em que hoje se integra a Escola de Direito a que pertenci.

Com efeito, aqui estou de novo entre vós, estancando o

Oração pronunciada na solenidade de colação de grau dos Bacharéis de 1959, agradecendo a outorga do título de Professor Emérito da Faculdade de Direito.

veio amargo da saudade ao sol radioso de nossa querida terra e ao calor fraternal de vossos generosos corações.

Mas cumpre dizer-vos, sob o penhor da mesma sinceridade que sempre cultuei: saí sem esquecer-vos, cheio de vós, pleno de perenes recordações desta terra sofredora e boa, e retorno hoje sentindo que também não me olvidastes.

Aqui estou, realmente, sob o impulso de um chamado indeclinável do vosso grande e Magnífico Reitor, para receber o título de professor emérito com que fui generosamente distingüido pelo Egrégio Conselho Universitário.

Para o homem que, por um concurso, penetrou os sagrados umbrais de nossa Faculdade de Direito e, por quase trinta anos, só se esforçou por dignificá-la, dando à sua cátedra tôdas as energias de que dispôs, a calorosa recepção que ora me fazeis, com o luminoso destaque daquele título inconfundível, transforma-se, devolve-se na máxima e grandiosa recompensa a que podia aspirar.

Ainda mais, significa que, partindo, alguma coisa de mim ficou entre vós, lembrança que tanto me desvanece e honra, e, retornando hoje, não é o silêncio que me envolve, como verdadeira e irrecorrível condenação.

Vejo, ao contrário, que não estou só: num transporte de júbilo incoercível, verifico que a chocante quietude do silêncio não se fêz em tôrno de minha pessoa. Fui cheio de vós e volto sentindo que o meu lugar não desertou dos vossos espíritos e corações.

Se não me cercam consagrações apoteóticas, a que, aliás, nunca poderia aspirar o meu demérito, também se não fêz o vácuo que isola e proscreeve.

A prova irrefragável do assêrto está nesta doutíssima Congregação a que compareço, nesta hora solar de minha vida, para receber o Diploma de Professor Emérito da mesma Faculdade, onde, ensinando, também aprendi a confiar na indômita e generosa mocidade e no primado da cultura e do espírito.

Queiram ou não, o domínio espiritual, na gama de todos

os seus tons que nos identificam com a divina majestade, há-de vencer e prevalecer.

Não importam os erros com que tantos homens, ansiosamente buscando a felicidade, construíram a civilização industrial, mecânica e materialista que aí está, já agora estremecendo sobre as cabeças de seus desavisados obreiros.

É incontestável, sem dúvida, o estupendo progresso das ciências, em função do qual uma revolução profunda se fez em nosso meio primitivo, em nossos hábitos, costumes, desejos, idéias e sentimentos.

É que se pretendeu e ainda se pretende conquistar a felicidade, reduzindo-se a um mínimo o esforço físico e mental na luta pela vida.

E assim multiplicaram-se as máquinas, de instante a instante mais aperfeiçoadas, máquinas que quase tudo fazem, bastando, às vezes, um só indivíduo para dirigi-las; surgiram e cresceram novos meios de transporte, cada vez mais rápidos, tornando o homem quase onipresente; também as velhas formas de comunicação do pensamento foram aprimoradas pelo rádio e pela televisão, em tôdas as suas aplicações, mediante as quais facilmente se vulgarizam as mais variadas criações da inteligência humana.

Sem dúvida, aumentou a média do conforto, do bem-estar entre os homens. As ciências médicas não resolveram, mas de muito têm atenuado o grave problema dos sofrimentos físicos.

As nações são hoje muito mais ricas, materialmente muito mais fortes.

O homem quis libertar-se de sua angustiada vida anterior, da constante luta contra a dureza ou a esterilidade do solo, contra as intempéries, os animais ferozes, a vastidão dos mares e dos espaços aéreos, o mistério das florestas, as moléstias e epidemias dizimadoras.

Em parte, talvez mesmo em grande parte, o conseguiu. No que tange à matéria, o seu domínio é hoje assombroso, estando a serviço dêle poderosas forças outrora inteiramente des-

conhecidas ou ainda mal observadas no ignoto mecanismo de suas leis inexoráveis.

Entretanto, quem dirá tenhamos atingido o ideal de felicidade que todos desejamos? Quem dirá que mesmo os mais afortunados estejam satisfeitos?

Na lenda mitológica, as Danaides foram condenadas a encher um tonel sem fundo. A humanidade anda a reproduzi-las, com o tonel semelhante de suas esperanças e ilusões.

A realização de um desejo é quase sempre o gérmen de novas aspirações pelas quais recomeça a luta de nossa eterna insatisfação. E vamos subindo assim a montanha da vida, buscando atingir estrêlas que sempre nos fogem.

Querendo desvendar o segrêdo de nossas origens e de nosso destino, nascem e morrem sistemas filosóficos, sucedem-se doutrinas científicas, vencem e são vencidos sábios e filósofos.

E surdem também os novos apóstolos e salvadores da humanidade com a deslocação do eixo da civilização para os campos econômicos e financeiros. Urge trabalhar para produzir, urge melhorar a produtividade; urge, porém, mais ainda, consumir o fruto do trabalho de nossos irmãos.

Há, assim, uma demanda agressiva de mercados e consumidores. Há superprodução, e não obstante morre-se ainda de fome em todos os quadrantes do mundo. Nunca houve tanta riqueza e nunca, parece, houve tanta miséria.

O homem tem hoje a civilização que quis, mas que, segundo tudo demonstra, não se está conciliando com os seus superiores destinos. É que o primado do espírito é tudo, e tudo o mais é nada, é matéria, é pó, que só do pó veio e a êle volta, ruível e sempre fraco.

Daí a sua intranqüilidade, a sua inquietação, as suas angústias, a ânsia jamais satisfeita de ser feliz. A paz fugiu de sua consciência, sente-se oprimido e sem segurança, cheio de temores no presente e no futuro. Sob o império dêsses sentimentos cruciantes, as nações armam-se febrilmente, empenhando bilhões nos seus orçamentos militares.

Todos temem o desabar de uma nova conflagração, muito mais vasta e ruínosa do que as duas grandes guerras. Entretanto, estadistas, diplomatas e homens de govêrno nem sempre parecem à altura da tarefa de conjurá-la.

É sempre o aspecto econômico a impor-se inflexível e dominador. Regras morais, culto da verdade, proteção aos fracos, respeito à mulher, predomínio da honra, segurança no afeto e nos compromissos, tudo o que tolhe e disciplina os nossos baixos instintos são hoje, por assim dizer, valores que quase se não contam.

Seria a derrocada do espiritual, a vitória definitiva da matéria sôbre a consciência, se esta, em seus lances de inquietude e desenganos, não se volvesse novamente para Deus, único refúgio onde encontrará abrigo e consolação.

Mas, êsse mesmo Deus dos fracos, dos humildes e dos oprimidos, sejam indivíduos ou nações, Deus, em que tantos, como eu, ainda põem tôdas as suas esperanças — há-de permitir passe o caos destas horas amaríssimas, sob o signo de uma possível destruição de tôda a humanidade.

Há-de passar, porém, esta insurreição da matéria contra o espírito, das tirânicas ditaduras contra a liberdade e a democracia, da idolatria pagã contra o espiritualismo cristão, fundo comum de nossa civilização.

Nem tudo, porém, são erronias e traições a Deus e à consciência humana. Há, ainda, grandes clareiras, morais e culturais, clareiras luminosas por onde se pode perceber a perspectiva sedutora de uma nova Canaã. Num deserto absorvido de preocupações temporais e de mundanices triunfadoras, ainda se nos deparam oásis reconfortantes, qual esta nossa Universidade em que, na sua missão cultural, tantos são os valores morais e intelectuais que lhe dominam o âmbito e lhe vêm dando o grande relêvo que todos hoje lhe reconhecem.

Fundada pela Lei nº 2.373, de 16 de dezembro de 1954, quando, no Rio de Janeiro, cumpria outras funções, não pude, *de visu*, participar dos júbilos de sua instalação, que, hoje, se

devolve em fecunda seara de frutos opimos para o Ceará e para o Brasil.

Não esqueçamos que, em suas múltiplas finalidades, de ordem científica, filosófica, literária e artística, por expressa determinação de seus estatutos, a formação universitária há-de obedecer aos princípios fundados no respeito e na dignidade da pessoa humana e aos seus direitos naturais e essenciais, devendo ainda contribuir para a cultura superior, tendo em vista o engrandecimento da Pátria e o sentido da unidade nacional.

Tão complexos e fundamentais objetivos, visando à pessoa humana em particular e de modo geral à nação brasileira, sem esquecer o Ceará com os seus próprios aspectos — vem a Universidade realizando, mercê do patriotismo, dedicação e clara inteligência da sua Assembléia, do seu Conselho Universitário e, sobretudo, de seu Magnífico Reitor, para quem não há horas, nem fadigas, a fim de servir à vitoriosa instituição.

Na inatividade em que me encontro como catedrático de uma das unidades universitárias — esta Faculdade de Direito — a juízo unânime do Conselho da Universidade, na forma estatutária, fui generosamente agraciado com o honrosíssimo título de seu Professor Emérito. Não discuto o mérito de tão superna distinção, porque à velhice também se outorgam privilégios e eu, de mim e por mim, sei que de há muito todo o fulgor da mocidade já se desfez no campo mortuário de minhas ilusões.

Professor, tentei sempre cumprir estritamente os meus deveres. Quase trinta anos porfiei nessa luta, vendo sucederem-se as gerações de discípulos dos quais tantos, hoje, dignificam a própria Escola de Direito, o magistério em geral, a magistratura e a advocacia.

Mas o cumprimento de funções inerentes a cargo de qualquer espécie é simples e necessário adimplemento de obrigação assumida. Não é virtude ou qualidade que mereça recompensa.

Todavia, seja como fôr, aqui estou repisando o solo que-

rido da gleba-mãe para receber desta egrégia Congregação o diploma daquele esplêndido título, que, por minha vida em fora e na sucessão de meus descendentes, constituirá sempre motivo de honra e de ufania.

Por mim, por minha espôsa e por meus filhos, com o coração vibrando em sacratíssima e sincera emoção, a todos vós, excelentíssimos membros do Conselho e desta Assembléia, agradeço a generosa mercê de tão alta dignidade que veio re- doirar o cimo de uma vida já recoberto da neve fria da ve- lhice.

E ao intérprete digníssimo desta homenagem com que se me exaltam duvidosas qualidades, o meu prezado amigo, pro- fessor Heribaldo Costa, a segurança, por igual e *ab imo pecto- re*, de meu profundo reconhecimento.